


41

*É um ciclo fatal: as Universidades portuguesas formam centenas de professores que por sua vez irão mais tarde formar novos professores. E os poucos que conseguem furar o cerco e chegar ao mercado do trabalho vêem-se obrigados, para sobreviver, a aceitar funções que nada têm a ver com a sua licenciatura*

# Diplomas universitários: passaporte para o vazio

Paula Bravo

«Os estudos superiores já não são um passaporte que garanta a integração na vida activa», afirma um estudo recente do Bureau Internacional do Trabalho. E a realidade confirma-o. Na Faculdade de Letras por exemplo (à esquerda, estudantes em assembleia) há «doutores» a trabalharem no bar — como José Júlio, 23 anos, licenciado em Filosofia (em baixo, à direita). Só os alunos do Técnico (ao lado) se consideram numa situação privilegiada, já que, após a licenciatura, conseguem em geral colocação, embora acabem por aceitar tarefas que não são adequadas ao diploma que possuem

**E**M PORTUGAL, eles são apenas 2,6 por cento de toda a população — números que nos colocam ao mesmo nível da Turquia e, consequentemente,

te, na cauda da Europa. Vulgarmente chamam-lhes licenciados, ou seja, possuidores de diplomas universitários — que muitos julgavam chaves sagradas para a entrada no templo do trabalho. Mas a verdade é que grande parte dos licenciados em Portugal não encontra emprego compatível — e muitos deles não encontram

sequer emprego. Ser «doutor» não é mais um privilégio no mercado de emprego.

Sinal dos tempos? «Os estudos superiores já não são um passaporte que garanta a integração na vida activa», garante um estudo recente do Bureau Internacional do Trabalho. E a realidade confirma-o.

Na Faculdade de Letras de Lisboa, por exemplo, há «doutores» a trabalharem no bar. Um deles é José Júlio, licenciado em Filosofia, 23 anos de idade. Concorreu aos miniconcursos para o ensino mas não foi apurado. Originário de uma pequena aldeia da Beira Alta, não quis voltar «para um meio fechado», já que o curso de Filosofia o habituou, segundo diz, «a certas exigências sociais». Porquê, então, o bar? «O trabalho aqui não me chateia muito», afirma. E enumera as vantagens: está num ambiente onde conhece toda a

gente, poupa dinheiro nas refeições. «Para mais, na Faculdade todos sabem como é difícil arranjar um emprego, ninguém brinca com isso» — diz José Júlio. Mas há uma face oculta nesta situação quase caricata: o desânimo. «Sinto-me muitas vezes frustrado, com uma sensação de inutilidade. As pessoas pensam que não faz sentido andar a estudar para nada e dizem-me várias vezes. Por mim, gostava de dizer-lhes que não é assim, que é importante estudar, mas não tenho argumentos.» Mostra-se desiludido mas, mesmo assim, ainda alimenta alguma esperança: «Agora concorrer para a Madeira ou Açores», diz. Se conseguir colocação, terá vantagens sobre os colegas e mais hipóteses de emprego seguro quando voltar para a capital. Mas José Júlio não gosta de falar de sonhos. «Tanta coisa que pensava fazer... se não tivesse dado a volta para conseguir encarar as coisas, podia ser muito difícil tudo isto», conclui.

## 12 mil à espera de emprego

Segundo o texto da lei que o instituiu, continua em vigor, desde 1978, o «numerus clausus» que contingenta o número de estudantes de acordo com a capacidade de absorção do mercado de trabalho. No entanto, recentemente surgiram a público números que estimam em cerca de 12 mil os jovens com idades compreendidas entre os 20 e os 24 anos que acabaram o curso e que es-

peram o primeiro emprego, muitos deles há quatro anos. Números decerto inexactos por não haver um recenseamento dos jovens licenciados desempregados e devido à própria flutuação da situação desempregado/empregado, num contexto onde abundam os contratos a prazo, o trabalho familiar não remunerado e os já tradicionais «biscates».

Ana, de 26 anos, formada em História com boas notas, vê-se obrigada a recorrer aos seus conhecimentos de inglês para sobreviver. «Antes de tirar o curso, já antes fazia traduções, para ganhar algum dinheiro» — diz. E continua agora a fazê-las, por não ter outra saída. «Tenho concorrido a vários concursos mas não consegui lugar.»

Mãe solteira, com um filho pequeno, não podendo correr a «aventura» de mudar de casa todos os anos escolares, Ana persiste, sem muito futuro, em traduzir «coisas que depois são assinadas por outra pessoa». Outra pessoa que depois lhe paga abaixo das tabelas habituais...

Ana é apenas um exemplo, ainda por cima banal. Desempregados em História, porventura o caso mais flagrante, são vários milhares — talvez mais de 4 mil. O que leva a que os estudantes se organizem em grupos para defesa dos seus direitos. Exemplo disso é a «História Viva», um agrupamento de licenciados, principalmente em História, que se encontram no desemprego. «Dos licenciados em História que não estão no desemprego, mais de 90 por cento encontram-se a trabalhar no ensino preparatório e secundário, e apenas 10 por cento se encontram integrados noutras profissões», afirma Luís Guerreiro, membro da «História Viva».

## «As pessoas destroem-se»

«Criar especializações nos cursos de História ou fomentar — como o fez a Secretaria de Estado da Cultura — a criação de uma rede de bibliotecas públicas, assegurando assim, de imediato, a integração profissional de vários licenciados em História», são algumas das medidas que, segundo Luís Guerreiro, poderiam ser tomadas para desbloquear a situação.

Na Direcção da Associação de Estudantes (DAE) da Faculdade de Letras falam também em profissionalização. «Até agora as Faculdades de Letras têm formado professores, fingindo que não

o fazem, fornecendo cursos sem formação profissional específica, ao mesmo tempo que cerca de 90 por cento dos seus licenciados encontram emprego apenas no ensino», refere Leonel Nunes, da DAE. «A única preocupação existente até agora era o nível académico dos cursos mas, se não há saída, se os quadros que forma não têm lugar na sociedade, a universidade deixa de ter sentido», conclui.

«As pessoas destroem-se em tarefas que não se adaptam às suas potencialidades», diz Maria, licenciada em Sociologia, desempregada por se recusar a fazer um trabalho que não respeitava as suas habilitações. É a Associação de Estudantes de Letras que concorda: «Há muita gente que vem para aqui por vocação e só depois vê que a única saída é o ensino. Ora o professorado torna as pessoas mercenárias: o licenciado não dá aulas, ele vende-as, elas tornam-se em qualquer coisa dolorosa, que ele precisa fazer no dia-a-dia.»

Armando é licenciado em Línguas numa universidade estrangeira. A par das dificuldades com o reconhecimento do curso, passou pelas habituais — «que aqueles que o acabaram cá também têm», diz com um meio sorriso. Armando trabalha como secretário, uma actividade que

não se relaciona em nenhum ponto com a sua licenciatura. «Quando uma pessoa não tem conhecimentos — diz — não entra na engenharia e num meio grande como Lisboa tudo se torna mais difícil. Acabei por descobrir que um licenciado só tem vantagens na teoria. Na prática é muito difícil arranjar um trabalho de acordo com os nossos sonhos e aptidões.»

## Desemprego real ou camuflado

A nível oficial, os licenciados queixam-se sobretudo da incapacidade de criar empregos e de garantir o direito ao trabalho, o que conduz a uma situação de desemprego real ou camuflado: «O desemprego não é só as pessoas não terem trabalho, o desemprego é também elas não estarem a trabalhar segundo a sua vocação», afirma Francisco, licenciado em Belas-Artes e professor no ensino secundário que se considera a si próprio desempregado.

Uma breve ronda por alguns estabelecimentos de ensino superior em Lisboa permite detectar situações muito diversas.

O Instituto Superior Técnico, por exemplo, é considerado pelos próprios estudantes, já que os seus licenciados,

2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Mercado do trabalho - licenciados



4/2

ciados não parecem ser afectados pelo desemprego, talvez por serem deslocados para outras tarefas: «Encontram-se muitos engenheiros em tarefas de gestão, o que não é um emprego adequado», dizem-nos na DAE do IST. Mas o mesmo não se passa num sector até ao momento mais protegido, o da Medicina. Segundo dados da Ordem dos Médicos, existem no momento mais de 1500 jovens médicos desempregados. Para a DAE de Medicina, a saída para o problema passa por «uma definição do serviço nacional de saúde», a par com uma ocupação de lugares «na saúde escolar que não existe, nos serviços sociais universitários que não têm serviço médico, nos hospitais centrais e na província».

Enquanto tudo se mantém, multiplicam-se situações como a de Jorge, licenciado em Medicina no Porto. Reside em Lisboa, por motivos familiares, e considera-se com sorte por ter arranjado emprego como professor de Saúde no ensino secundário. Conseguiu o emprego através de conhecimentos e sabe de muita gente que está pior do que ele: os seus amigos tarefeiros em hospitais, por exemplo. Não tem no entanto grandes esperanças no seu futuro e resume em poucas palavras a

conversa que travamos: «Um médico que não está a trabalhar como tal para que é que serve? Um médico não é uma profissão como as outras. Só um médico pode ser médico e não faz qualquer sentido colocá-lo noutras profissões», diz.

Fonte de insucesso

E um licenciado em Belas-Artes é um artista? A pergunta, deixada na Associação de Estudantes de Pintura da ESBAL, provoca alguma hilaridade. O desemprego assume nesta área formas camufladas, mas as saídas profissionais desembocam praticamente todas na cada vez mais estreito funil do ensino, que absorve cerca de 80 por cento dos alunos formados naquela escola. Alguns, muito poucos, conseguem furar o cerco das galerias. Porque são ouzados, porque têm conhecimentos ou principalmente porque têm outros meios de subsistência. Mas são muitos os que tentam subsistir de outras formas: com pequenos trabalhos, capas de livros, suplementos estudantis, etc. Chegaram até a formar uma cooperativa no Algarve (onde a vida era mais económica), mas a experiência gorrou-se. A DAE comenta: «Não se entende a nossa actividade como fundamental.

A nível social, consideram-na mesmo como algo inferior, não é como o conhecimento científico.» Resultado: «É significativo o número daqueles que ficam pelo caminho, pelo meio do curso», dizem-nos. A desmotivação alia-se assim a um insucesso escolar que progride rapidamente em vários estabelecimentos de ensino superior.

Na ESBAL, assim como em outras universidades públicas, manifesta-se ainda um outro receio: a concorrência das universidades privadas. Regra geral (e estatisticamente provada em Direito) a média de classificações atribuídas ao ensino privado é superior à das atribuídas ao ensino público, o que, na opinião dos estudantes, cria uma situação objectiva de desigualdade de tratamento no acesso ao mercado de trabalho. Na mesma linha de pensamento surge também o receio da livre circulação de técnicos vindos da CEE. O famoso problema das nossas defesas demasiado frágeis somada ao velho hábito de acordarmos tarde demais...

Sinais de mudança

De qualquer forma a pergunta mais premente pode ser a colocada por Paula, licenciada em História, desempregada, que vai sobre-

vivendo de biscates que os amigos lhe arranjam de tempos a tempos: «Este investimento feito em mim, por mim, família, sociedade, como é que fica?» A pergunta suscita muitas outras e encontra ainda poucas respostas satisfatórias.

«Não se julgue que a universidade é uma agência de empregos» — esclarecia textualmente um professor do ensino superior aos seus alunos, logo no primeiro dia de aulas, num curso de Comunicação Social. Mas omitia o principal: o facto de a universidade ser em primeiro lugar uma fábrica de professores, divorciada eterna do mercado do trabalho..

Mesmo assim, vislumbram-se no horizonte alguns sinais de mudança: no IST, na Faculdade de Medicina e Letras existem já gabinetes de saídas profissionais, que estabelecem contacto entre estudantes e empresas, de forma a orientar uns e outros; e em Outubro ou Novembro deste ano está prevista a realização de um congresso de saídas profissionais, organizado a nível nacional pelos estudantes de Engenharia.

Lentamente, a montanha move-se. Poderá o futuro dos licenciados portugueses vir a ser, num prazo razoável, menos sombrio?

Dia
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

mercado de trabalho - licenciados

